

José de Almeida Camargo

O semeador de grandezas

Guido Arturo Palomba

Um dos mais ilustres médicos das primeiras décadas do século passado morreu muito precocemente. Nasceu em 1º de outubro de 1903 e faleceu em 11 de abril de 1937. Foram 34 anos incompletos, em cujo curto período de existência terrena plantou preciosas sementes – hoje árvores frutíferas, as mais frondosas do país.

Médico da Casa de Arnaldo, foi um dos próceres da Revolução Constitucionalista de 1932, havendo participado das primeiras reuniões preparatórias, entre elas, a que resultou no famoso Manifesto de Outubro, fecundado em 24 de fevereiro de 1932, no salão do jornal *A Razão*, à Rua José Bonifácio, em São Paulo, que acolheu reunião dos intelectuais paulistas, com a finalidade de criar uma organização para estabelecer orientação política segura, em face do caos que se instalara no Brasil após a Revolução de 1930. Compareceram à reunião Ataliba Nogueira, Cândido Motta Filho, Mario Gracioti, Alpino Lopes Casale, José Maria Machado, Francisco Stela, Gabriel Vendromi de Barros, Mario Zaroni, Fernando Callage, Iracy Igayara, Carvalho Pinto, Sebastião Pagano, Arlindo Veiga dos Santos, João de Oliveira Filho, James Alvim, Fausto Campos, Eduardo Rossi, Dutra da Silva, José de Almeida Camargo e outros. Liderada por Plínio Salgado, aí nascera a Liga Pró-Constituinte, o embrião do maior movimento de massas do Brasil republicano, a introduzir a Revolução Constitucionalista de 1932.

Em 12 de março de 1932, reuniram-se novamente no Salão de Armas do Clube Português de São Paulo, quando ocorreu a Assembleia de Fundação da Sociedade de Estudos Políticos (S.E.P.), com mais de uma centena de pessoas presentes, entre elas, José de Almeida Camargo. Na ocasião, criaram um manifesto, com os nove princípios constitucionais, que são os seguintes:

- Somos pela unidade da nação.
- Somos pela expressão de todas as suas forças produtoras no Estado.
- Somos pela implantação do princípio da autoridade, desde que ele traduza forças reais e diretas dos agentes da produção material, intelectual e da expressão moral do nosso povo.
- Somos pela consulta das tradições históricas e das circunstâncias geográficas, climatéricas e econômicas que distinguem nosso país.
- Somos por um programa de coordenação de todas as classes produtoras.
- Somos por um ideal de justiça humana, que realize o máximo de aproveitamento dos meios de produção, em benefício de todos, sem atentar contra o princípio da propriedade, ferido tanto pelo socialismo como pelo democratismo, nas expressões que aquele dá à coletividade, e, este, ao indivíduo.

- Somos contrários a toda tirania exercida pelo Estado contra o indivíduo e as suas projeções morais; somos contra a tirania dos indivíduos contra a ação do Estado e os superiores interesses da nação.
- Somos contrários a todas as doutrinas que pretendem criar privilégios de raças, de classes, de indivíduos, grupos financeiros ou partidários, mantenedores de oligarquias econômicas ou políticas.
- Somos pela afirmação do pensamento político brasileiro baseado nas realidades da terra, nas circunstâncias do mundo contemporâneo, nas superiores finalidades do Homem e no aproveitamento das conquistas científicas e técnicas do nosso século.

Porém, em 3 de outubro de 1932, terminava a Revolução Constitucionalista, com a derrota de São Paulo. Quatro dias depois, o Manifesto é impresso às escondidas, em uma sala da Secretaria de Segurança Pública, na mesa de trabalho de Eurico Guedes de Araújo. Nela, Plínio Salgado endereçou, pessoalmente, centenas de envelopes, nos quais o Manifesto era remetido a todo o país. A distribuição na cidade de São Paulo coube aos membros da S.E.P., entre eles, José de Almeida Camargo. (Eis a razão pela qual o documento da fundação do Integralismo, criado em março, veio a se chamar Manifesto de Outubro.)

Plantar sementes fazia parte da vida do médico José de Almeida Camargo. Formou-se na Faculdade de Medicina de São Paulo e, na década de 1930, foi um dos idealizadores e fundadores da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina, hoje em pleno vigor. Amante da literatura, dominava línguas estrangeiras, entre elas, o inglês. Assim lhe foi possível traduzir a obra de rara abrangência, que se tornou um dos livros campeões de venda, o famoso *Conhece-te pela psicanálise* (*How to psycho-analyse yourself*), de Joseph Ralph, 1932, editado pela Editora José Olympio. Aliás, o editor era seu amigo, e vale a pena lembrar que, nas primeiras décadas do século XX, o Brasil era um dos mais destacados países a acolher, divulgar e lapidar a doutrina de Sigmund Freud, o pai da psicanálise. Porém, como ainda eram ideias relativamente novas, todas as traduções nessa área exigiam altos dotes intelectuais do tradutor.

José de Almeida Camargo era filho de Laudo Ferreira de Camargo (1881-1963), que foi presidente do Supremo

Tribunal Federal, e de Noêmia Marques de Almeida (1881-1957), que, juntos, tiveram sete filhos.

Registra-se que na Associação Paulista de Medicina (APM) há um prêmio de cultura geral, chamado Prêmio José de Almeida Camargo, porque o ilustre médico, semeador de grandezas, foi um dos criadores da APM, em 1930, e o seu primeiro Diretor Cultural.

Seu nome também brilha na Academia de Medicina de São Paulo, centenária e mais antiga instituição médica paulista, como Patrono da cadeira 106, que será ocupada por Francisco Domenici Neto, recentemente eleito Membro Titular.

Poucos brasileiros morreram tão precocemente e participaram, como líderes, de tantos importantes momentos da vida sociopoliticocultural de São Paulo e do país. Talvez por isso a Câmara Municipal de São Paulo fez por bem nomear uma rua da capital com o seu nome. Justa homenagem ao grande médico.

Guido Arturo Palomba

Artigo em homenagem a Francisco Domenici Neto, que ocupará a cadeira 106 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo Patrono é José de Almeida Camargo

Três Marias

A outra face de ser médico

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

À Maria Cecília

No campo, o anoitecer e o alvorecer competem em suas belezas. Os primeiros raios do sol, altivos, prenunciam a alegria do dia, enquanto brancas garças, empoleiradas, num repente voam para distâncias como as ilusões inatingíveis. Ao entardecer, os raios vão ficando tímidos — o seu vermelho se espalha em lento matizar e tinge o horizonte à medida que o astro desce para mais um dia lá do outro lado.

Sem brumas no céu azul-marinho, germinam como diamantes estrelas de todas as grandezas que propiciam imaginar um cartograma celeste: além do Zênite, para o sul; diviso Mintaka, Alnilan e Alnitaka, as Três Marias; e o cinturão de Órion — o caçador. Ora, sou um caçador de venturas, venham em meu auxílio — à caça de venturas para as Três Marias que iluminam a nossa existência.

*

Tudo se passou ao fim da minha mocidade...

A primeira Maria deveria nascer em setembro porque as rosas nascem nesse mês, como dizia meu pai; em dezembro (dia de Natal) e agosto nasceram as outras duas Marias — rosas de todos os tempos.

“Se te posso pedir qualquer coisa de leve
Qualquer coisa ideal, qualquer coisa de puro,
Se te posso pedir que faças um destino,
Eu te peço, Senhor, que abençoes Maria
E que ampares Maria e que a faças feliz!”
(Emiliano Pernet, por Maria, 1920)

Anos depois, no mês de Maria, fomos novamente afortunados — veio ao mundo o nosso caçulinha para alegria das três Marias.

*

Pequenas cenas infantis e até juvenis, porventura irrelevantes, calaram em nosso espírito e nunca foram esquecidas. De fato, contendas entre as irmãs não eram raras, mormemente quando ainda pequenas — a maioria das vezes entre a última e a penúltima — e esta porque maiorzinha deveria ser punida por mim, porém, muito trêmula, protestou: “eu sou pequenininha!”. Tantos anos passados e ainda me dói esse protesto!

O primeiro dia de escola foi um sucesso (emocional para mim). Ela desceu do carro e alegre se dirigiu à entrada do colégio. Estacionado, continuei observando os seus cabelos castanhos encaracolados — graças aos cuidados da avó... Só naquele instante dei-me conta de que se iniciavam os primeiros passos, no caminho sem volta, para o seu novo mundo... É o incoercível da vida, mas a gente sente!

“Principias a compreender a poesia da escola, mas por ora não vês a escola senão de dentro. Parecer-te-á mais bela e mais poética daqui a trinta anos, quando fores acompanhar teus filhos, e a vires de fora como a vejo agora”. (Edmundo de Amicis, em *Cuore*)

Com as outras crianças, a experiência abrandou impacto maior. Entretanto, anos depois, no último dia do curso ginasial, o meu menino perguntou pesaroso: — Quer dizer

que eu não voltarei mais para a minha escola? E, mais animado — Então, logo irei trabalhar com você? Era impetuoso matriculá-lo em colégio que concomitantemente preparasse para o vestibular. Quanto já pesava o fantasma desse concurso!

*

Ouçõ valsas e alguns *ländler*s para piano, de Schubert — miniaturas nas quais reconheço temas arranjados por Heinrich Berté para produzir *A Casa das Três Meninas*, ópera que em 1916 recebeu aplausos ou críticas severas. Cerca de 50 anos depois, adorei-a porque significaria a casa das nossas três meninas!

Hoje, na sala vazia, delicio-me com *schubertiades* provindas dos alto-falantes localizados no mesmo canto onde se encontrava um velho piano inglês, no qual as duas maiores se exercitavam — solo ou a quatro mãos — e se saíam a contento. Às vezes, eram acompanhadas pela avó, que retornara ao instrumento depois de abandoná-lo há duas ou três décadas. Contudo, o que sempre me extasiava eram os acordes da primeira filha, exímia acordeonista desde os 4 anos de idade e campeã aos 13. Ademais, todas dedilhavam o violão, sobretudo para acompanhar cantigas, como: *Serenó, Lampião de Gás, Felicidade...*

Travessuras de mocinhas sempre ocorrem, até em audácia, sem darem conta de que esta é gêmea da imprudência! Assim, a menor chegou a tentar equitação em traje de banho; e, pior, as duas maiores atravessaram a nado o canal de Bertioiga! Em compensação, a bem dizer, foi naquela cidade praiana que melhor pudemos apreciar o evoluir da juventude dos nossos filhos — lá ficaram muitos dos nossos sonhos.

*

Todavia, a maioria, como inesperada visitante, inexorável, chegou cedo para a primeira irmã, e mais veloz para as outras duas.

Na encruzilhada da vida, uma a uma das Três Marias tomou novo rumo. Por algum tempo, ficamos só com o caçula — quando homem feito, ele seguiu seu caminho para ser médico. Agora cada um deles comanda o próprio destino.

São fragmentos curtos da história dos nossos filhos. Também foi curto o melhor tempo em que viveram sob o nosso teto, e que se torna mais curto com o passar dos anos.

*

Uma tristeza antiga invade-me os sentidos:

Admirava no firmamento a resplandecência das Três Marias, quando, entre elas, na penumbra, uma estrelazinha parecia brilhar para mim — cadente, desfez-se na eternidade... Esperançoso, tornei a olhar para o alto, mas, na terra, aquela que seria a nossa nova estrela tornara-se Maria do Céu!

Ao som em tempo forte e ritmo cadenciado dos dobrados entusiásticos *São Paulo Quatrocentão* e *Quarto Centenário*, a pauliceia aniversariante regozijava-se em comemorações...

*

Amanhecerá e voltarão as brancas garças... Mas desconfio de que haja pouco a esperar do dia seguinte...

Em nosso quarto, tento conversar com as fotografias descoradas penduradas na parede — as meninas vestidas a caráter para a festa junina e o menino sossegado num canto, porém, irrequieto quando pedia passagem para o seu “bi-bi fom-fom”. Fecho os olhos e as cores se tornam vivas...

Volto à sala onde cantarolavam as Três Marias — quero ouvir uma velha gravação da *Hora da Saudade*.

Sangrias e Sanguessugas

Nelson Di Francesco



“A sangria é uma operação que consiste em abrir os vasos sanguíneos, para delles evacuar o seu conteúdo. Quando se pratica nas artérias, chama-se *Arteriotomia*; nas veas, *Phlebotomia*, e nos vasos capillares *Sangria capillar*. Pratica-se esta operação nas artérias e veas com o bisturi, lanceta ou phlebotomo, e nos vasos capillares com a lanceta, sanguessugas* ou ventosas sarjadas. A sangria é de *necessidade* quando se faz nas enfermidades, e a indicação é urgente; de

eleição como as sangrias habituaes, e de *prevenção* como as que antigamente se praticavão em certa estação do ano. A presença de alimentos no estomago, evacuação periodica e, acção, certas febres, e muitas outras circumstancias podem contra-indicar a sangria.

A quantidade de sangue que ordinariamente se tira de um adulto é de 10 a 16 onças. Os efeitos immediatos da sangria são: a diminuição da massa do sangue e do calor, o abatimento do pulso e algumas vezes a syncope, que ordinariamente acontece nas pessoas fracas. Não se podem tirar indicações certas sobre o character da enfermidade e o estado constitucional do individuo pela inspeção do sangue

* *Sanguessuga*: verme do filo dos anelídeos, da classe dos hirudíneos, que habita as águas doces e tem ventosas com que se liga aos animais a fim de sugar-lhes o sangue. É, desde a época romana, de uso medicinal para provocar sangrias — Cf. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.



Disponível em: <http://farmavett.blogspot.com/2011>.

sómente, e em alguns momentos depois de ter saído dos vasos, porque influem de algum modo o diametro da abertura por onde elle sahe, a fôrma e qualidade da vasilha que o recebe.

A natureza e o assento da molestia, a idade, o temperamento, a constituição do doente, etc. são as circumstancias que decidem a escolha do vaso que se deve abrir, a quantidade do sangue que se deve evacuar e os remedios que convem administrar antes ou depois desta operação, circumstancias estas que se achão mencionadas nas respectivas affecções.

Acidentes da sangria: A syncope é menos uma accidente, que um effeito natural de effusão do sangue em algumas pessoas. Quando ella acontece, suspende-se a sangria, faz-se deitar o doente horizontalmente e dá-se-lhe a respirar um pouco de ether, vinagre ou ammoniaco. Também se pôde fazer cessar, espargindo-se no rosto do enfermo algumas gottas d'agua fria.

Sanguessugas ou Bixas. A sanguessuga é um verme aquatico de sangue vermelho. Existe um grande numero de especies, sendo as principalmente que se usam são as san-

guesugas vermelhas. Sua cor é morena, tem sobre o dorso riscas longitudinaes, de um amarelo esverdeado, e nos lados duas riscas amarellas... A extremidade cephalica tem tres dentes incisivos, com os quaes faz na pelle uma picada triangular, e aspira o sangue pelo movimento de sucção que faz com a boca. Para que as sanguessugas estejam mais ávidas de sangue, tirão-se ao menos uma hora para fora d'agua antes de se applicarem.

Antes da applicação das sanguessugas, deve-se primeiro esfregar a parte com um pano de linho até ficar vermelha, e humedecê-la com leite ou agua assucarada; pega-se em cada uma das sanguessugas com um panno, e applica-se á pelle a sua extremidade bocal.*”

Como pode ser visto pelos anúncios de jornal abaixo reproduzidos, era prática comum na cidade de São Paulo, e também em outras, a utilização das sanguessugas no “tratamento” de inúmeras enfermidades, principalmente naquelas que pudessem estar relacionadas a problemas com o sangue. No Hospício de alienados, existente desde maio de 1852, também se prescreviam tais vermes.

ALERTA !!

As muito superiores bixas Hamburguezas vendem-se a 40\$ reis o cento: e alugão-se a 500 rs. cada uma de dez para cima, na rua Nova de S. José n. 13, casa do cabelleiro Costa Pinto.

(Jornal O Compilador Paulistano, 20/11/1852)

ANNUNCIOS

Atenção

BIXAS DE HAMBURGO E FRANCEZAS

A melhor que ha neste genero
Barbearia de Braga, rua do Rozario
n. 57, preço razoável

(Jornal Correio Paulistano, 29/03/1859)

* “Diccionario de Medicina Domestica e Popular”, de autoria do médico Dr. Theodoro J. H. Langgaard, editado em 1865, em 3 volumes, na cidade do Rio de Janeiro, largamente utilizado à época. Mantive a ortografia original.

ATENÇÃO

Na rua Direita n. 24 allugam-se sanguexugas hamburguesas de superior qualidade a 500 rs. cada uma e se applicam a qualquer hora que seja necessário. Tambem se vendem a 1\$000 cada uma. Na mesma casa sangra-se e tira-se dentes com perfeição.

(Jornal Correio Paulistano, 21/10/1854 – n. 99 – p. 4)

Na rua do Rosário n. 6 applicão-se e vendem-se superiores bixas hamburguesas.

(Jornal Correio Paulistano, 17/11/1854 – n. 121 – p. 4)

João Ignacio Estevão tem a honra de annunciar ao publico desta cidade que elle acaba de abrir sua loja de barbeiro em a rua do Rozario casa n. 44 onde estará sempre prompto a servir áquellas pessoas que o quizerem honrar em objectos de seu officio; o annunciante tira dentes e tem sempre em sua loja bixas hamburguesas: a qualquer hora do dia ou da noite acharão o annunciante sempre prompto.

(Jornal Correio Paulistano, 13/03/1862 – n. 1756 – p. 4)

**ESTABELECIMENTO
NOVO**

AGOSTINHO JOSÉ DE CARVALHO, barbeiro, cabeleireiro tendo a honra de participar ao respeitável publico desta capital que se acha estabelecido na rua Direita n. 13 apresenta ao mesmo duas excellentes salas com os commodos necessário para cortar cabellos e fazer barbas: tambem limpa, tira, chumba e separa dentes a toda e qualquer hora assim como vende, e applica bixas e ventosas – tudo por preços mui rasoaveis.

(Jornal Correio Paulistano, 02/11/1854 – n. 108 – p. 4)

BIXAS!

O abaixo assignado tem a honra de declarar ao respeitavel publico que tem bixas que póde deitar de 400 a 800 rs. cada uma e para alugar.

Rua de S.Gonçalo casa n. 1

Paulino José Mariano

(Jornal Correio Paulistano, 18/01/1862 – n. 1712 – p. 3)

Aniversário

José Hugo de Lins Pessoa



Todos nós temos o dia do aniversário. Os primeiros aniversários são esperados e desejados. Nesse dia, aumentamos a nossa idade. Logo compreendemos que mudanças de idade significam mudanças de épocas e de personagens. De crianças, passamos para adolescentes. Percebemos mudanças, tanto no aspecto físico quanto no emocional. Precisamos elaborar a perda do corpo infantil, a perda dos pais, da infância e da nossa identidade infantil. De aniversário em aniversário, adquirimos a identidade de adulto. Surgem novas experiências e novas sabedorias, muitas delas em conflitos com as antigas, que se tornam obsoletas e descartáveis. Até o que nos liga uns com os outros, o convívio frequente, os afetos e a harmonia vão mudando. Surgem as separações definitivas. Começamos a perceber um eco de perdas em cada ano que passa. Para contrapor o sentimento induzido pelas perdas inevitáveis do viver, do envelhecer,

é necessário apreender o senso de continuidade da vida e o de aceitação. Vemos os filhos crescerem e dizemos com convicção: amadurecemos. Compreendemos, com fleuma, que a vida oferece momentos ótimos e momentos de dificuldades. Os netos adquirem habilidades, crescem. Chegamos à idade do “tempo da memória”, como diz Bobbio. Ou, como diz Reale, da “memória do tempo”. E um dia qualquer, sem saber quando, ou mesmo sem poder definir uma idade específica (para alguns antes, outros, depois), percebemos que as palavras do Eclesiastes sobre a adequação dos tempos começam a ter um sentido concreto: “há um tempo para a ação e outro para a contemplação”. Contemplação é esperar. Não é para isso que fazemos aniversários?

José Hugo de Lins Pessoa
Médico pediatra

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira, Arary da Cruz Tiriba, Rubens Sergio Góes e Luiz Fernando Pinheiro Franco

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.